

# A PRESENÇA AFRICANA NO JARDIM DAS ORIGENS

*Célia M. Patriarca Lisboa*

## **Resumo**

*Este ensaio é fruto da reflexão sobre a presença de africanos negros nas narrativas de origem do povo de Israel, especialmente pela análise de Gênesis 2,10-14, uma subdivisão do relato da criação em Gn 2,4b-3,24. O intuito é recuperar a memória histórica negra nas narrativas cosmogônicas de Israel, que localizam os povos africanos antigos no cenário da criação. Ao evidenciar as ideologias colonialistas que atravessam os discursos bíblico-teológicos hegemônicos, atribuímos a dignidade devida aos afrodescendentes como pertencentes ao jardim do encontro com Deus.*

**Palavras-chave:** *Cosmogonias. Gênesis. Povos africanos. Descolonização.*

## **Abstract**

*This essay is the result of reflection on the presence of black Africans in the narratives of origin of the people of Israel, especially by the analysis of Genesis 2:10-14, a subdivision of the account of creation in Gen 2:4b-3:24. The aim is to recover the black historical memory in Israel's cosmogonic narratives, which locate the ancient African peoples in the creation scenario. By highlighting the colonialist ideologies crossing hegemonic biblical-theological discourses, we attribute the dignity due to Afro-descendants as belonging to the garden of encounter with God.*

**Keywords:** *Cosmogonys; Genesis; African people; Decolonization.*

## **Reflexão inicial**

O racismo estruturante da sociedade brasileira se desenvolveu desde o período colonial alicerçado sobre interesses mercantilistas e opressores que conduziram à classificação, objetificação e exclusão social de povos de diferentes etnias africanas, comparados a animais selvagens, sem alma, sem lei, sem razão, bárbaros e pagãos.

Acrescenta-se que, historicamente, os textos bíblicos serviram como instrumentos de legitimação à escravização, opressão e marginalização de povos africanos e afrodescendentes, especialmente pela alegação de que pertenciam à descendência maldita de *Cam/Ham*<sup>1</sup>.

A herança da escravidão, somada ao sistema de exclusão contemporâneo, ainda mantém negros e negras à margem do mercado de trabalho e outros benefícios. As manifestações do racismo se evidenciam nas relações cotidianas e institucionais, corroboradas por dados que apontam que a população negra tem menores salários, sofre mais desemprego, compõe a maior parte dos analfabetos e 75% entre os mais pobres, apesar de constituir 55,8% da população brasileira<sup>2</sup>.

A tradição teológica ocidental desconsiderou a presença e participação dos povos africanos na constituição de Israel e nas origens do cristianismo. A leitura hegemônica e eurocêntrica da bíblia optou por uma episteme unívoca ocidental, privilegiando uma única perspectiva interpretativa ao eleger o homem branco europeu como norma e ideal de humanidade, o que possibilitou o ocultamento dos povos de origem africana.

Entretanto, os textos bíblicos evidenciam um intercâmbio entre a África e o povo israelita, seja nos âmbitos cultural, étnico ou econômico. Povos etíopes, egípcios, líbios aparecem frequentemente nos textos do Antigo e Novo Testamentos. Acrescenta-se que as tradições israelitas foram influenciadas pela presença cultural africana<sup>3</sup>.

A Teologia Negra, como movimento de disputa teológica, pretende contribuir para o rompimento da herança colonial, seu legado da escravidão e do racismo que ainda opera na contemporaneidade, especialmente pela negação da memória histórica negra e seu passado, permitindo que as comunidades afrodescendentes se sintam representadas ao entrar em contato com o texto bíblico.

Desse modo, a partir da perspectiva negra de ser e estar no mundo, questionamos e colocamos sob suspeita o conhecimento que foi construído hegemonicamente em nossas escolas, casas, igrejas e instituições acerca do texto bíblico. Sobre este assunto, Grada Kilomba<sup>4</sup> propõe um exercício que contribui para a

1. Para uma discussão sobre o assunto, cf. Frisotti, Heitor. Pueblo negro y bíblia: reconquista histórica. In: Mundo Negro y lectura bíblica. *RIBLA*, n. 19, p. 47-62, 2000. Santos, Gislene Aparecida. Selvagens, exóticos e demoníacos: ideias e imagens sobre uma gente de cor preta. *Estudos Afro-asiáticos*, n. 2, 2002, p. 275-289.

2. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 41, 2019.

3. Cf. Nash, Peter. O papel dos africanos negros na história do povo de Deus. *Estudos Teológicos*, v. 42, n. 1, p. 5-27, 2002. Diop, Cheikh Anta. A origem africana da civilização. Mito ou Realidade. Chicago: Lawrence Hill & Co., 1974.

4. Kilomba, Grada. *Memórias da Plantação*. Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p. 50.

compreensão e identificação dos conceitos construídos e veiculados pelo conhecimento e sua relação de poder. A autora sugere que prestemos atenção nos livros, nas leituras propostas, nas imagens mostradas, nas verdades reforçadas.

Qual conhecimento está sendo conhecido como tal? E qual conhecimento não o é? Qual conhecimento tem feito parte das agendas acadêmicas? E qual conhecimento não? De quem é esse conhecimento? Quem é reconhecida/o como alguém que possui conhecimento? E quem não o é? Quem pode ensinar conhecimento? E quem não pode? Quem está no centro? E quem permanece fora, nas margens?

Considerando a realidade sociocultural brasileira e o modo como as personagens bíblicas negras são geralmente apresentadas pela exegese dominante, é urgente e necessário descolonizar o conhecimento teológico e dar visibilidade à presença dos povos negros nos textos bíblicos, reconstruindo a sua identidade, de acordo com o contexto em que se apresenta. No presente artigo, buscamos analisar Gênesis 2,10-14, sob as lentes da teologia negra, destacando o legado de povos africanos sobre as tradições bíblicas das origens.

### O contexto mítico-simbólico

O texto em análise (Gn 2,10-14) é provavelmente uma subdivisão do relato da criação em Gn 2,4b–3,24 que, na sua forma final, se constitui uma unidade literária e deve ser compreendida como um todo, dada a integração dos elementos narrativos que compõem a sua complexidade temática<sup>5</sup>.

Há autores que atribuem a composição do segundo relato da criação à escola javista, com atividade entre os séculos X e XI a.C.<sup>6</sup> Outros apontam a época exílica, pela justificativa de que a escola javista se estendeu até o século VI a.C.<sup>7</sup> Schwantes<sup>8</sup> defende os séculos IX e VIII a.C. como chão da história que motivou a construção do relato, uma composição deuteronomista situada no contexto da disputa contra a idolatria, construída a partir de diferentes blocos de narrativas tradicionais de distintos períodos, que discorrem sobre as origens.

5. Vaz, Armindo. A visão das origens em Gen 2,4b-3,24 como coerência temática e unidade literária. *Didaskalia*, n. XXIV, p. 3-172, 1994. Schwantes, Milton. *Projetos de Esperança*, 2002.

6. Schmidt, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1994. Mallmann, Loivo José. A Criação, obra gratuita de Deus em vista do sábado. Releitura de Gênesis 1–3. In: *Estudos Bíblicos*, n. 60, Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 22-30. Mena López, Maricel. *Raízes afro-asiáticas nas genealogias bíblicas*, 2004.

7. Faria, Jacir de Freitas. *As mais belas e eternas histórias de nossas origens em Gn 1–11*, 2015. Silva, Alex Antonio da. *Gênesis 2,4b-25: uma análise literária, histórica e antropológica*, 2019.

8. Schwantes, Milton. *Projetos de Esperança*, 2002.

1. A origem do universo e do ser humano – 2,4b-7
2. A nascente dos rios que irrigam o Antigo Oriente (o mundo conhecido) – Gn 2,10-14
3. Deus busca a “auxiliadora adequada” para o homem – 2,18-24
4. As três maldições – Gn 3,14-19

Além desses, outros elementos traditivos encontram-se incorporados ao texto, como a tradição da árvore do conhecimento (2,7.17) e da árvore da vida (3,22), entre outros.

A perícopes Gn 2,4b–3,24 se assemelha aos mitos de origem mesopotâmicos, cananeus, babilônicos e egípcios, no que diz respeito a temas, motivos, linguagem, estilo e forma de organização. Do mesmo modo, a estrutura literária é semelhante a outras narrativas cosmogônicas nas literaturas sumério-acádicas (*Enuma Elish*), mesopotâmicas (*epopeia de Etana*, mitos sumérios de *Enki e Ninmah*; *Gilgamesh, Enkidu e o mundo inferior*), e egípcias (*Papiro de Hu-Nefer*; *Instrução para o rei Meri-ka-re, Criação de Mênfis*).

De acordo com Vaz<sup>9</sup>, os principais padrões literários comuns a esses textos podem ser demonstrados, entre outros, por:

1 - Introduzir o texto com uma sentença que prepara para uma proposição principal, esboçando uma situação primordial negativa que especifica e nomeia realidades ainda não existentes (*quando ainda não existia...*).

2 - Utilizar motivos para explicar a necessidade da criação do ser humano, relacionados à questão do trabalho (*ainda não havia homem para arar a terra*).

3 - O uso da expressão *terra e céu*, que corresponde à linguagem corrente do Antigo Oriente para designar o universo, o mundo.

Os mitos das origens ou cosmogônicos utilizam linguagem figurativa e simbólica para descrever as origens de fenômenos, aspectos essenciais, problemas ou fatos da realidade, tentando explicar etiológicamente a existência das realidades atuais, propiciando ao humano a compreensão de si mesmo diante do mundo ambiente e seu relacionamento com a divindade.

Nesse sentido, pretendem “compreender a complexidade de fenômenos, acontecimentos e realidades humanas e mundanas que fogem ao controle e ao conhecimento do ser humano ou transcendem a sua experiência sensível”<sup>10</sup>. O que importa nos mitos de origem não são os pormenores da narração, mas o seu significado de fundo, que se atualiza para o leitor e sua comunidade, no cotidiano.

9. Vaz, Armindo. *No princípio da bíblia está o mito*, 2007.

10. Idem, p. 56.

Mito, ao contrário do que a tradição filosófica ocidental dos séculos XVIII a XX defendia, não é uma fábula que se opõe à realidade. Mas, apresenta-se como uma expressão que parte da realidade e se estabelece nela. Sua identificação com superstições falsas repercutiu negativamente na interpretação dos textos bíblicos durante longo tempo. O mito não tem valor histórico ou científico, porém pode ser compreendido como meio de expressão da consciência humana, que busca explicar a sua própria história. Não nasce da lógica, mas de intuições de transcendência<sup>11</sup>.

“É uma visão do mundo, por meio da qual o ser humano intenta exprimir o essencial da sua experiência relativa a ele e da intimidade de si próprio. Na paisagem do mito, o ser humano compreende-se, toma consciência de si e revê-se a si próprio. E a compreensão das coisas que o mito proporciona dá a cada existência humana a maturidade de que proporcionalmente necessita.”

Nas cosmogonias do Antigo Oriente, é importante considerar o espaço geográfico em que foram montados os cenários das narrativas, para a devida compreensão do conjunto da obra. As histórias bíblicas se originaram a partir do ambiente concreto de vida cotidiana da comunidade, retratando um contexto específico que evidencia costumes, ritos, locais e seus significados para dentro da experiência humana. Israel narrava suas experiências a partir do fundo comum da cultura do Antigo Oriente, um intercâmbio de culturas que se influenciavam mutuamente<sup>12</sup>.

A narrativa de Gn 2,4b–3,24 pressupõe um mundo cultural comum mesopotâmico e reflete uma visão de mundo própria de camponeses, um grupo ligado à terra e à produção agrícola. Nesse contexto, o ser humano é criado a partir do solo, no qual deve trabalhar e cultivar (2,7.15; 3,17-19). Trata-se de um jardim - *gan* (2,8-9), um espaço geográfico cultivável, local de habitação do ser humano, que existe a partir da terra e retira dela a sua subsistência e provisão.

A introdução do texto (Gn 2,4b-6) descreve a situação do universo em termos negativos, elemento comum na literatura mesopotâmica, como a *Epopéia de Etana* e o mito sumério sobre as *origens do Gado e do Cereal*, os quais esboçam uma situação negativa apontando para a inexistência de vários seres, para introduzir a proposição principal. No caso do texto bíblico, ressalta-se a criação do homem (Gn 2,7).

Chama a atenção a similaridade do texto bíblico com o mito sumério-acádio da criação do homem. O texto aborda a origem da humanidade, suas realidades

11. Idem, p. 66.

12. Nash, Peter T. O papel dos africanos negros na história do povo de Deus, 2002. Vaz, Armino. No princípio da bíblia está o mito, 2007.



cotidianas e a destinação ao trabalho. Do mesmo modo, menciona a fundação da terra e dos rios Tigre e Eufrates, como canais de irrigação relevantes para o crescimento e cultivo dos campos e animais<sup>13</sup>.

Destaca-se ainda, que as narrativas bíblicas sobre as origens guardam na memória a contribuição de povos africanos na construção das primeiras civilizações do Oriente Antigo. A cultura dos antigos africanos incluía a contação de sua própria história mediante mitos, epopeias e parábolas, entre outros<sup>14</sup>. Inclui-se que elementos bíblicos sobre as origens também estão presentes em diferentes narrativas míticas de povos africanos. Os *macuas*<sup>15</sup> contam que o Deus *Muluco* fez sair de dois buracos na terra, um homem e uma mulher, os quais receberam um território agricultável, enxada e machado para obtenção de madeira que serviria para a cultivar a terra e edificar a casa.

A narrativa sobre a criação dos *chiliques* refere que Juok, Deus criador de todas as coisas, utilizou o barro para dar forma aos primeiros seres humanos, que passaram a possuir matizes diferentes de acordo com a cor do barro da região em que foram criados. Assim, os humanos brancos possuem essa cor devido à areia branca, com que foram formados. Os habitantes do Egito foram formados da argila do Rio Nilo e os *chiliques* foram feitos da terra preta.

Também as tribos de idioma *ewe*, que vivem no Togo, Gana e Benim, contam que Deus criou o homem e a mulher do barro e eles habitaram a Terra. Nas cosmogonias citadas, homem e mulher foram criados do solo, o qual deveriam cultivar para obter sua provisão.

## O jardim fértil e irrigado

*Um rio saía de Éden para regar o jardim e de lá se dividia formando quatro braços. O primeiro chama-se Fison; rodeia toda a terra de Hévila, onde há ouro; é puro o ouro dessa terra na qual se encontram o bdélio e a pedra de ônix. O segundo rio chama-se Geon: rodeia toda a terra de Cuch. O terceiro rio se chama Tigre: corre pelo oriente da Assíria. O quarto rio é o Eufrates.*

A narrativa introdutória a esta seção indica que Yhwh Elohim criou um jardim para a habitação do ser humano. O termo hebraico *gan* significa jardim ou horta e geralmente se refere a um pedaço de terra fértil, protegido por um muro ou cerca, que era destinado a cultivar flores, frutas e vegetais.

O jardim estava localizado em um espaço geográfico chamado Éden (v. 8). A palavra hebraica '*eden* está relacionada, provavelmente, com o termo acadiano

13. Vaz, Armindo. A visão das origens em Gen 2,4b-3,24 como coerência temática e unidade literária, 1994.

14. Mena Lopez, Maricel *et al.* Bíblia e descolonização, 2018.

15. Macuas são povos que habitam, o norte de Moçambique e o território da Tanzânia. E chiliques vivem na região da África Oriental, próximo ao Rio Nilo.

*edinu*, o qual se origina do sumério *eden* – planície, estepe<sup>16</sup>. A Septuaginta traduziu a palavra por *jardim das delícias*, relacionando-a ao termo hebraico ‘*adan*, que significa *desfrutar, ter prazer*. O vocábulo é mencionado como região geográfica em Gn 2,8.10; 4,16.

Um rio se originava do Éden, para regar o jardim (Gn 2,10) e se ramificava em quatro braços, os quais estavam relacionados a territórios específicos. O primeiro rio mencionado é o Pison (*pishon*), que se encontra nas imediações de Hévila (*havilah*). Não há um consenso acerca da sua localização. Porém, as indicações incluem o sul da Arábia, Etiópia setentrional e Sudão oriental<sup>17</sup>. As referências encontradas em Gn 10,7 e 1Cr 1,9 relacionam Hévila com Cuch. Já o texto de Gn 25,18 declara que os descendentes de Ismael, filho da egípcia Hagar, habitaram “desde Hévila até Sur, que está a leste do Egito, na direção da Assíria”.

Maricel Mena Lopez<sup>18</sup> levanta uma questão importante sobre a relação entre Cuch e Hévila, em sua tese doutoral. Considerando a menção ao rio Gion em outros textos (IRs 1,33.38.45; 2Cr 32,30; 33,14), defende a existência de duas regiões ocupadas por cuchitas. A primeira, ao sul do Egito e a segunda, cruzando o Mar Vermelho incluindo a Península Arábica, estendendo-se até a Mesopotâmia, região dos rios Tigre e Eufrates. A autora sugere que a Arábia seja um território cuchita.

No mesmo sentido, Peter Nash<sup>19</sup> aponta para a presença de colônias cuchitas em várias partes do Mundo Antigo e ressalta que estavam integrados à vida comercial das suas comunidades. Soma-se a presença de uma população africana em território árabe, resultante da migração de povos da África Oriental, durante vários períodos da pré-história árabe, dada a proximidade entre as duas regiões<sup>20</sup>.

De acordo com o texto em análise, em Hévila havia ouro, bdélio e ônix. A Arábia é especialmente rica em ouro e a resina aromática de bdélio<sup>21</sup>. Enquanto a pedra ônix foi encontrada em vários lugares do lêmén.

O segundo rio, Gion, circunda a terra de Cush, um território frequentemente associado à Etiópia e toda a região do Vale do Nilo, a terra ao sul do Egito, incluindo a Núbia e Abissínia<sup>22</sup>. Historicamente, evidencia-se as origens dos povos africanos a partir o estabelecimento de civilizações negras desde o vale do Nilo

16. Harris, R. Laird (coord.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, 1998, p. 1079.

17. Idem.

18. Mena López, Maricel. *Raíces afro-asiáticas nas genealogias bíblicas*, 2004.

19. Nash, Peter T. *O papel dos africanos negros na história do povo de Deus*, 2002.

20. Nascimento, Elisa Larkin (org.). *A matriz africana no mundo*, 2008.

21. Kidner, Derek. *Gênesis. Introdução e comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova, Mundo Cristão, 1991, p. 60.

22. Mena Lopez, Maricel. *Raíces afro-asiáticas y la descolonización de la bíblia*, 2017.

até o Crescente Fértil há milhares de anos. Os núbios, que foram vizinhos dos egípcios ao sul (atualmente, o Sudão), estiveram presentes na vida comercial, fizeram parte da nobreza e constituíram a 25ª Dinastia de faraós do Egito<sup>23</sup>.

Os dois últimos rios, Tigre (*hidéqel*) e Eufrates (*prat*) são bem conhecidos. Ambos nascem nas montanhas da Armênia, correm paralelamente até unirem-se, próximo ao Golfo Pérsico. As mais antigas civilizações se estabeleceram nas imediações desses rios, na região da Mesopotâmia.

Esta faixa de terra regada por importantes rios foi chamada Crescente Fértil, pois foram os rios que proporcionaram a irrigação da terra e o estabelecimento da agricultura, da sedentarização e das rotas comerciais por onde passavam as caravanas que iam desde a Mesopotâmia até o Egito ou a Arábia. De acordo com Gottwald<sup>24</sup>, a agricultura intensiva nessa região começou primeiramente na Suméria e pouco mais tarde, no Egito.

Nessa perspectiva, a pesquisa de Elisa Larkin Nascimento<sup>25</sup> aponta para uma contribuição importante de povos africanos na região do Tigre e Eufrates. Ela sugere que Sumer foi uma colônia de Cuch, originando-se no Vale do Nilo, indicando a ocorrência de raiz africana para os sumerianos, responsáveis pela construção e desenvolvimento da cidade-estado de Ur, os quais costumavam se identificar como “cabeças pretas”.

A presença africana está nas bases de grandes civilizações do Mundo Antigo, desde o sudoeste da Ásia, exercendo influência sobre todas as regiões litorâneas, do extremo leste até o extremo oeste do Mundo Antigo, em ambos os lados do Mediterrâneo, na África Oriental, vale do rio Nilo, Hindustão e ilhas do mar Índico.

As narrativas bíblicas registram as relações humanas de diferentes povos, o protagonismo daqueles que habitaram parte do continente africano, assim como a diversidade e compartilhamento dos modos distintos de práticas e costumes. Significa dizer que os povos antigos se relacionavam e se misturavam e os africanos tiveram importante contribuição cultural, social e literária sobre o Mundo Antigo.

Porém, os textos bíblicos das origens foram predominantemente interpretados mediante a ideia racializada<sup>26</sup> dos padrões e culturas do mundo contemporâneo, influenciando o nosso modo de compreender o Mundo Antigo e as origens

23. Nash, Peter T. O papel dos africanos negros na história do povo de Deus, 2002.

24. Gottwald, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulus, 1988.

25. Nascimento, Elisa Larkin (org.). *A matriz africana no mundo*, 2008, p. 1154.

26. A ideia de raça é relativamente recente. É um conceito dos anos 1960. Racialização diz respeito ao processo de atribuir identidades raciais a um grupo por seu aspecto ou suas características fenotípicas distintivas em relação ao um outro considerado padrão da norma.



de Israel, pressupondo sua ascendência caucasóide. Negar a presença e influência de povos africanos negros no mundo bíblico antigo, é se basear em estereótipos e concepções distorcidas acerca das africanidades. E seu papel no Antigo Oriente é geralmente subestimado e mal-entendido.

### **Retornando ao jardim**

Esse artigo é fruto de uma reflexão inicial sobre a presença africana nas origens de Israel e pretende chamar a atenção para o modo como os textos bíblicos das origens apresentam as relações de intercâmbio entre os povos, que se distingue da concepção ocidental contemporânea, de raça, interpretando as narrativas a partir do seu próprio modo de ver e experimentar a realidade.

A cosmogonia do Gênesis aponta o jardim/*oikos* como lugar de habitação de todas as pessoas. Espaço fértil, destinado à provisão e ao cuidado de todos os seres vivos. Um ambiente de gratuidade, criado para a convivência interativa, harmoniosa e repleta de possibilidades produtivas, em que a corporeidade de cada pessoa represente fonte de dignidade inviolável.

O jardim/*oikos* é o lugar em que estabelecemos nossas relações de pertencimento e relacionamento com outros e com o cosmo. Desse modo, a tarefa do humano de cuidar e guardar o jardim, como a “casa comum”, considera a própria existência como dádiva divina que requer responsabilidade individual e coletiva, no sentido de promover a vida do cosmo, garantir o equilíbrio do meio ambiente, a inclusão e o bem-estar de todos e todas, pela superação das opressões e desigualdades sociais, raciais e de gênero.

Como guardiãs dessa grande casa planetária precisamos repensar e reformular valores a partir de um processo educativo que se fundamenta na horizontalidade das relações e na humanização constante do ser inacabado, para o exercício da *ecologia integral*, que focaliza o conceito da justiça socioambiental e pressupõe a interrelação e interdependência de toda a criação. Exige a libertação do ser pela transformação da consciência ingênua para consciência crítica, visando à incorporação de princípios como o respeito pelas diferenças étnico-raciais, o cuidado com a criação, a promoção da justiça e do direito.

Evidenciar e denunciar as ideologias colonialistas que permeiam discursos bíblico-teológicos, pode contribuir para a reconstrução das relações em sociedade, especialmente pela valorização do papel dos povos africanos na história da civilização. A reapropriação da memória histórica bíblica que considera a presença da pessoa negra no cenário da criação, traz de volta o jardim do encontro com Deus para os afrodescendentes.

*Célia M. Patriarca Lisbôa*  
celiapatriarca@gmail.com

## Referências

HARRIS, R. Laird (coord.); ARCHER, Jr.; GLEASON, L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

MENA LÓPEZ, Maricel. Raízes afro-asiáticas nas genealogias bíblicas. *Revista Identidade*, v. 5, 2004, p. 8-13.

MENA LÓPEZ, Maricel; PILAR DE LA CALLE, Claudia; SARDIÑAS IGLESIAS, Loida. Bíblia e descolonização: leituras desde uma hermenêutica bíblica negra e feminista de libertação. *Mandrágora*, v. 24, n. 2, 2018, p. 115-144.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *A matriz africana no mundo* [recurso eletrônico]. São Paulo: Selo Negro, 2008. Edição do Kindle.

NASH, Peter T. O papel dos africanos negros na história do povo de Deus. *Estudos Teológicos*, v. 42, n. 1, 2002, p. 5-27.

SCHWANTES, Milton. *Projetos de Esperança*. Meditações sobre Gênesis 1-11. São Paulo: Paulinas, 2002. (Coleção Bíblia na mão do povo).

VAZ, Armindo. No princípio da bíblia está o mito. *Didaskalia*, v. XXXVII, n. 1, 2007, p. 45-73.